



# Calor que mata

Estudo da Rede de Pesquisas sobre Mudanças Climáticas Urbanas, com participação da Fiocruz, foi apresentado em seminário internacional

Maíra Menezes



Ondas de calor em que a temperatura média diária chega a 31,55°C por seis dias consecutivos podem provocar um aumento de 36% no risco de mortalidade na cidade do Rio de Janeiro na comparação com períodos de temperatura média diária de 21°C. A conclusão é de um estudo realizado por cientistas da Rede de Pesquisas sobre Mudanças Climáticas Urbanas (UCCRN, na sigla em inglês), com participação do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz). O trabalho foi apresentado no seminário Cidades do Futuro + Saúde, promovido pela Fiocruz, o Columbia Global Centers Rio de Janeiro e a Rede de Pesquisas sobre Mudanças Climáticas Urbanas para América Latina (UCCRN-AL), sediada no IOC. “Existem muitos estudos sobre o risco de

mortalidade devido a ondas de calor em áreas de clima temperado, mas é importante notar que o aumento do número de mortes em períodos de altas temperaturas também ocorre em locais com clima quente, como o Rio de Janeiro”, afirmou Martha Barata, pesquisadora do IOC, coordenadora da UCCRN-AL e uma das autoras da pesquisa.

Para calcular o risco de mortalidade associado às ondas de calor, os pesquisadores analisaram as médias diárias de temperatura e as taxas diárias de mortalidade na capital fluminense durante os meses de verão de 2002 a 2014. A temperatura média de 31,55°C foi encontrada nos dias classificados dentro do 1% mais quente. Segundo Martha, as ondas de calor devem se tornar mais frequentes em consequência do aquecimento global e conhecer a tempe-

ratura a partir da qual o risco de mortes é elevado é importante para desenvolver sistemas de alerta. “Em muitas cidades brasileiras sistemas de alerta já foram implantados considerando os riscos de chuvas fortes, que causam deslizamentos e enchentes. Da mesma forma, é necessário enfrentar o risco das ondas de calor, que podem provocar o agravamento de doenças e aumentar a mortalidade”, ressaltou ela, acrescentando que idosos, crianças, pessoas obesas, indivíduos com doenças cardiovasculares e respiratórias estão entre os grupos mais afetados pelas altas temperaturas.

Entre as medidas de proteção individual, que podem ser adotadas nos períodos mais quentes, estão o aumento do consumo de líquidos e a busca por ambientes mais frescos. Alterações da infraestrutura urbana também po-



dem proteger a saúde da população, reduzindo a formação de ilhas de calor. “Em Nova York, após a constatação do risco de mortalidade devido às ondas de calor, foi implantado um programa para plantio de árvores. Nesta ação, mudas foram entregues aos cidadãos, que também assumiram a responsabilidade pela sua manutenção. Investimentos desse tipo podem amenizar o problema e têm o potencial de reduzir os gastos do sistema de saúde para o tratamento de doenças”, ponderou Martha.

Com participação de cientistas do IOC, da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp/Fiocruz), da Universidade de Nanjing, na China, e da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, o estudo sobre o risco relativo de mortalidade associado a ondas de calor será publicado no Relatório de Avaliação sobre Mudanças Climáticas e Cidades (ACR3.2). O documento, que está em fase de conclusão, deve ser divulgado pela UCCRN em outubro deste ano. A Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro (SVS/SMS), o Programa Rio Resiliente e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) colaboraram no fornecimento de dados para a pesquisa.

## Impactos da infraestrutura urbana na saúde

Reunindo cerca de 50 pesquisadores nacionais e estrangeiros interessados em firmar parcerias, o encontro Cidades do Futuro + Saúde contou também com a apresentação da pesquisa *Diagnóstico de saúde em Rio das Pedras*. Realizado pela Universidade de Columbia e pela Fiocruz, com apoio do Núcleo de Pesquisa e Cidadania de Rio das Pedras, o estudo revelou características da comunidade que podem impactar na saúde da população. A qualidade da água consumida pelos moradores foi um dos dados que chamaram a atenção dos especialistas. A contaminação por coliformes fecais foi detectada em 75% dos galões de água comprados para consumo, um percentual muito maior do que o verificado na água das torneiras, que ficou em 17% nas amostras coletadas em torneiras nas ruas e 22% naquelas obtidas nas torneiras das cozinhas das casas. Uma das coordenadoras do estudo, Gina Lovasi, professora da Escola de Saúde Pública da Universidade de Columbia, explicou que não é possível estabelecer se a água dos

galões estava contaminada antes de ser engarrafada ou se a contaminação ocorreu posteriormente. “Em todo caso, é fundamental observar a data de validade dos galões e fazer a limpeza antes do consumo da água. A higienização periódica também é importante para filtros e caixas d’água”, orientou a cientista.

A pesquisa contou com a participação de voluntários treinados, que percorreram trechos de mais de 600 ruas, englobando quase 90% das vias dos bairros de Areal e Areinha. O extenso levantamento permitiu identificar problemas como: ausência de calçada em 41% das ruas e calçamento em mau estado de conservação em 28%, existência de lixo espalhado em 46% das vias e presença de cem ou mais fios elétricos em 45% dos trechos percorridos. Em 48% das ruas, os pesquisadores encontraram ainda a presença de água parada como resultado de acúmulo de chuvas, transbordamento de esgoto ou descarga de água doméstica. “Atualmente, mais de 1 bilhão de pessoas vivem em favelas no mundo, mas estas áreas muitas vezes são ‘pontos cegos’ nos sistemas de vigilância e nas pesquisas. É importante estudar os fatores que impactam a saúde nestes locais, que são áreas de rápido crescimento nas cidades”, comentou Gina.



# Planejar é fundamental

Decana da Escola de Saúde Pública da Universidade de Columbia, a pesquisadora Linda Fried destacou que a infraestrutura urbana pode prejudicar a saúde, mas o planejamento adequado pode tornar as cidades aliadas da população. Além de reduzir o calor, com impacto sobre a mortalidade, a construção de parques e áreas verdes estimula a atividade física e ajuda a combater doenças crônicas, como hipertensão e diabetes. Da mesma forma, a oferta de transporte público contribui para que os cidadãos sejam mais ativos e, ao mesmo tempo, reduz a circulação de carros e a poluição, que pode ser um fator de risco para o câncer. Uma das maiores especialistas do mundo em envelhecimento, Linda ressaltou que construir cidades amigáveis para os idosos traz benefícios para toda a população. “Quando projetamos as calçadas pensando nas necessidades dos idosos, criamos um ambiente melhor também para os pais que circulam com carrinhos de bebê e para todas as pessoas com mobilidade reduzida”, contou ela. A pesquisadora ressaltou ainda que adequar as cidades para os idosos será cada vez mais importante devido à tendência de envelhecimento da população. “Não podemos aceitar que essa grande conquista da humanidade, que é o aumento da expectativa de vida, se torne um fardo para as sociedades. Uma população idosa saudável será um grande capital social para as nossas cidades”, declarou a cientista.

Durante o debate, o diretor do IOC, Wilson Savino, ressaltou que o conhecimento obtido nas pesquisas em saúde urbana deve ser levado até os gestores públicos, para que os estudos possam alterar o planejamento das cidades. “A informação baseada no conhecimento científico é uma ferramenta para a transformação da sociedade. Mas, para isso acontecer, precisamos fazer com que os dados alcancem os altos níveis de tomada de decisão”,

afirmou Savino. Já o diretor do Columbia Global Centers Rio de Janeiro, Thomas Trebat, destacou o valor da colaboração científica para avançar em desafios que afetam as cidades nas diferentes regiões do planeta. “Isoladamente, não conseguiremos produzir tantos frutos quanto trabalhando em parceria. A colaboração pode ajudar a pensar problemas comuns a diversas cidades como o acesso à infraestrutura urbana e a resiliência diante das mudanças climáticas, além

de novos desafios, como o causado pelo vírus zika”, disse Trebat. Representante da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro no evento, Betina Duvovni, subsecretária de Promoção, Atenção Primária e Vigilância em Saúde, considerou importante a ampliação do foco sobre a saúde urbana na discussão. “Ter em mente que o problema da saúde não está restrito à rede de assistência, como usualmente se pensa, é fundamental para mudar o panorama”, avaliou.



“É importante notar que o aumento do número de mortes em períodos de altas temperaturas também ocorre em locais com clima quente, como o Rio de Janeiro”, afirmou Martha Barata. Foto: Gutemberg Brito